

*Discurso em sessão solene que contou com a participação de parlamentares das câmaras dos conselheiros e dos deputados*

DIETA JAPONESA, TÓQUIO, JAPÃO, 14 DE MARÇO DE 1996

Agradeço as palavras de boas-vindas que Vossa Excelência acaba de pronunciar em nome dos representantes do povo japonês.

Agradeço também a hospitalidade e a gentileza com que minha comitiva e eu estamos sendo recebidos nesta Casa do Povo, símbolo do Japão moderno.

Trago a este Parlamento a homenagem solene que lhe presta o povo brasileiro, consciente do papel histórico que a democracia teve, e continua tendo, no Japão. Ela fez deste país uma das maiores potências econômicas do globo e uma força em favor da paz e da cooperação entre as nações do mundo, particularmente da Ásia.

Sei que a oportunidade de falar desta tribuna aos Senhores Deputados, aos Senhores Conselheiros e ao povo japonês é um gesto da mais alta significação, um dos pontos altos desta visita de Estado – uma distinção especial que se faz ao Brasil.

Somos sensíveis a essa distinção.

Nós recebemos as palavras e gestos que têm marcado nossa estada no Japão, e que agora se repetem na Dieta, como prova do interesse com

que o Brasil é tratado neste país e do apreço que o povo japonês tem pelo povo brasileiro.

Aceitei o convite para visitar o Japão neste momento, porque sei que esta visita de Estado simboliza uma nova era nas relações entre os nossos países. Uma era de reencontro e de uma renovada parceria. Uma era que se alimenta de progressos importantes havidos nos dois países, em suas regiões e em todo o mundo, mas que deita raízes em uma longa tradição, laboriosamente acumulada.

São cem anos de amizade, construída não apenas sobre a base de negócios, investimentos e cooperação entre dois grandes países, mas, sobretudo, a partir do elo criado pela imigração, que uniu indissolivelmente duas nações.

Poucos Estados no mundo podem orgulhar-se de basear suas relações sobre tamanho patrimônio humano. Poucos Estados no mundo podem congratular-se como nós pela forma feliz e perene com que encurtaram as enormes distâncias geográficas, históricas e culturais que os separavam.

Antípodas no globo terrestre, somos hoje um exemplo notável e completo do que podem ser a amizade e a cooperação entre um pujante país desenvolvido e um grande e dinâmico país em desenvolvimento.

Por trás dessa realização, que é obra de um século, olham-nos os rostos anônimos dos imigrantes japoneses que buscaram no Brasil terra, trabalho e oportunidade.

Ali encontraram um povo disposto a compartilhar com eles, além de sua riqueza material, a sua própria identidade de nação multirracial e aberta ao mundo, capaz de conciliar diferentes culturas e em que reina a harmonia, tão cara ao povo japonês.

Esses imigrantes e seus descendentes transformaram-se, pelo seu trabalho e pelo seu valor, em uma próspera e diversificada comunidade – uma comunidade profundamente brasileira, que mantém os vínculos com a sua terra de origem e nos ajuda a cultivar e ampliar os variados laços políticos, econômicos e de cooperação que fomos construindo com o Japão.

Trouxe comigo alguns representantes dessa comunidade, parlamentares como Vossas Excelências, homens públicos de qualidade e de grandes serviços prestados à Nação e ao povo brasileiro.

Eles são uma entre tantas provas de como a comunidade de origem japonesa se integrou perfeitamente à sociedade brasileira e à vida política e econômica do nosso país. Por isso mesmo, eles não representam apenas a comunidade de que fazem parte ou de que são oriundos, mas sim setores e regiões inteiros. São exemplo de cidadania participante e ativa.

Descendentes de japoneses, nisseis ou sanseis, eles falam, hoje, como brasileiros, por todo o Brasil. E também nos ajudam na tarefa de aprimorar sempre as nossas relações com o Japão.

Nós estamos comemorando cem anos do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, que deu início à imigração japonesa para o Brasil e às nossas relações.

Como Presidente do meu país, quero trazer a cada interlocutor meu no Japão, em nome do povo brasileiro, a expressão do nosso mais sincero apreço por tudo o que esses cem anos significaram para nós, pela riqueza espiritual e pelo aporte material que os japoneses trouxeram ao Brasil.

Creio que esse sentimento de gratidão é recíproco e nos permite falar de uma relação que tem uma só vocação, a da amizade, que se enriquece hoje com um intercâmbio humano de dupla direção.

O Brasil olha com atenção ainda maior para o Japão, porque sabe que aqui se encontram mais de 150 mil brasileiros, um dos maiores contingentes de estrangeiros neste país. São brasileiros que, em certa medida, ainda que em números mais modestos, reproduzem a saga da imigração japonesa em direção ao Brasil, trazida pelos mesmos sonhos, pela mesma disposição.

Eles reforçam, com sua presença, seu trabalho incansável, seus sonhos e esperanças, suas saudades da terra distante que não os esquece, aquele elo indissolúvel das relações humanas que dão uma feição própria, particular, às nossas relações.

Senhores Deputados, Senhores Conselheiros, além de uma oportunidade para prestar o nosso tributo de admiração pela democracia japonesa e pelo papel histórico do seu Parlamento, minha visita à Dieta é também uma ocasião para homenagear os muitos representantes do povo japonês que, diretamente, se envolveram na tarefa de promover as relações entre o Japão e o Brasil, muito particularmente dentro da ativa Liga Parlamentar Nipo-Brasileira.

Ao homenagear todos os parlamentares, japoneses e brasileiros, que se empenharam pelo constante aperfeiçoamento das relações entre o Japão e o Brasil, quero fazer uma menção especial à memória do ex-Primeiro-Ministro Takeo Fukuda e do Deputado Michio Watanabe.

Em sua ação, e especialmente como Presidentes da Liga Parlamentar, eles encarnaram de maneira exemplar a amizade nipo-brasileira. Eles certamente inspiram o trabalho daqueles que, hoje, se encarregam dessa tarefa e a quem homenageio nas pessoas dos Deputados Hiroshi Mitsuzuka, Keizo Obuchi e Kazuya Ishibasai, respectivamente Presidente e Vice-Presidentes da representação japonesa na Liga Parlamentar.

Vim à Dieta também porque sei do papel decisivo que o Parlamento japonês desempenha nos assuntos de Estado no Japão e, portanto, na sua política externa e nas relações com o Brasil. A diplomacia há muito não se limita ao tratamento dos assuntos entre os Governos, no recolhimento dos gabinetes.

Cada vez mais a diplomacia responde aos imperativos da democracia e se faz pública, transparente, argumentativa. O diálogo com a sociedade, as forças políticas e o Parlamento é hoje parte da formulação e da execução da política externa.

O Parlamento é, por excelência, o local privilegiado dos debates, da inquirição, da identificação dos interesses nacionais, da busca da verdade e do consenso. Trazer ao Parlamento japonês a imagem do Brasil que estamos construindo é para nós uma forma de reforçar o interesse que, necessariamente, este Congresso nutre pela agenda externa do Japão, pelas suas parcerias internacionais e, especialmente, pelo Brasil.

Nós precisamos desse interesse.

Senhores Deputados, Senhores Conselheiros, a imagem que lhes trago do Brasil fala de um país muito diferente daquele que alcançou, nos anos 70 e início dos anos 80, uma parceria intensa, quase privilegiada, com o Japão.

É um país plenamente democrático, em que o Congresso desempenha um papel central na vida política e econômica, compartilhando, com o Executivo, muitas das principais responsabilidades pelos destinos da Nação.

É um país em que se consolidam os mecanismos de controle da sociedade sobre o Estado, para torná-lo mais eficaz, transparente e justo.

É um país em que a democracia vem servindo como alavanca de promoção das reformas indispensáveis para assegurar crescimento sustentável, maior equidade e justiça social, mais investimentos diretos.

E é um país profundamente comprometido com a paz e a estabilidade na sua região e no mundo, em nome das quais vem ampliando sistematicamente seus compromissos em matéria de não-proliferação de armas de destruição em massa e de uso exclusivamente pacífico da energia nuclear.

Vossas Excelências têm tido notícias sobre o desempenho da economia brasileira nestes últimos tempos, sobre a sua abertura ao exterior, sobre os ajustes que temos feito.

Temos motivos objetivos para um grande otimismo. Pela primeira vez, em muito tempo, um plano econômico brasileiro se sustenta com firmeza por quase dois anos, depois de ter sido implantado de forma gradual, com consulta ao Congresso e à sociedade, sem choques, sem surpresas, sem quebra da confiança dos agentes econômicos e da população em geral – ao contrário, com amplo e sustentado apoio popular.

Baseando-se em políticas criteriosas nos campos fiscal, monetário e cambial, o Plano trouxe uma estabilização longamente desejada, fazendo a inflação despencar de quase 50% ao mês, em junho de 1994, para os níveis atuais, abaixo de 20% ao ano, os mais baixos em mais de duas décadas.

Os efeitos imediatos da estabilização, além da retomada da confiança, foram a valorização dos salários, o fim do imposto inflacionário, que penalizava os mais pobres, o início de um processo amplo de redistribuição de renda, o aumento do consumo de alimentos e bens pelas classes mais desfavorecidas, a ampliação da produção industrial, o aumento generalizado do consumo, inclusive de bens importados.

O Plano permitiu que se criasse um consenso mais forte em torno da necessidade de reformas estruturais, indispensáveis à consolidação da estabilidade e do crescimento. Estamos avançando nessas reformas, que acentuam o quadro de abertura competitiva da economia brasileira ao exterior.

Estamos prosseguindo firmes na desestatização, seja através da privatização de empresas controladas pelo Estado, seja através da abertura de monopólios, antes reservados ao setor estatal. É um processo complexo, que demanda cuidados, transparência e sentido de objetivos.

Não somos um pequeno país que está privatizando algumas poucas empresas deficitárias ou mal geridas. Somos uma grande nação que tem um imenso patrimônio público, constante de algumas empresas de porte gigantesco e extraordinário potencial, que cumpriram – e algumas seguem cumprindo – um papel fundamental no desenvolvimento brasileiro.

É importante que a desestatização tenha um papel político, econômico e social, fortalecendo o Estado para que ele possa desempenhar as funções básicas exigidas por um país democrático com grandes desafios sociais a vencer. Não queremos um Estado menor e mais fraco, queremos um Estado menor e mais eficiente.

Vossas Excelências são parlamentares e compreendem melhor do que ninguém que a democracia tem seus ritmos próprios de decisão, de geração de consensos e de manifestação de expressivas maiorias. É o que garante legitimidade e sustentação às decisões, é o que as torna confiáveis e duradouras.

O processo de reformas brasileiro está avançando, mas convém não esquecer: é um processo profundamente democrático e maduro

e por isso, necessariamente, tem o seu ritual, tem os seus tempos. O processo de reformas está em curso e é irreversível. Ele se fortalece na democracia, e é democraticamente que ele se fará.

Outro elemento importante que compõe o quadro mais favorável do Brasil, hoje, é a integração do País no âmbito do Mercosul e, através da União Aduaneira, com outros espaços de integração econômica ou com parceiros individuais.

O Mercosul é hoje um mercado em consolidação e crescimento, com um produto interno de cerca de 800 bilhões de dólares e 200 milhões de consumidores potenciais – um espaço de notável dinamismo, que já se apresenta como interlocutor de peso no cenário regional americano e internacional.

É uma nova e importante dimensão internacional do Brasil, dimensão que o completa e fortalece, ampliando o interesse internacional pelos seus países-membros, individualmente.

Trata-se de uma nova realidade, um passo a mais nas relações de harmoniosa convivência que temos tido com nossos vizinhos sul-americanos, ao longo de mais de 125 anos de paz ininterrupta. Como outras realidades que caracterizam o Brasil de hoje, essa deverá influenciar positivamente as relações com nossos principais parceiros.

Em cada um dos campos em que se estão processando a modernização e a abertura da economia brasileira, temos sido responsavelmente cautelosos. Temos feito ajustes nas políticas que sustentam o Plano Real, quando necessário. Temos calibrado o ritmo da abertura e até adotado medidas setoriais fortes. Seu único objetivo é preservar a estabilidade e a confiabilidade do conjunto da economia brasileira, de modo, inclusive, a assegurar o prosseguimento da liberalização.

O próprio Mercosul, seguindo um modelo de “regionalismo aberto”, adotou um ritmo de consolidação realista e pragmático, pois a ninguém interessa que, em nome de ganhos e vantagens imediatos, mas passageiros, se ponham em risco objetivos de mais longo prazo, que trarão benefícios duradouros.

Tenho podido recolher, nas viagens que venho fazendo ao exterior, reações de confiança e otimismo em relação ao que vem ocorren-

do no Brasil. Isso nos anima, porque precisamos das parcerias externas para prosseguir no projeto de desenvolvimento brasileiro.

Precisamos de investimentos diretos, produtivos, que nos tragam mais e melhores empregos e melhor atendimento da demanda crescente do povo brasileiro por bens e serviços; que nos permitam atender à demanda internacional por bens e serviços brasileiros, que já conquistaram mercados importantes.

Precisamos de acesso mais desimpedido e ampliado a mercados que encontram, na oferta brasileira de bens e serviços, melhor qualidade e preço. Precisamos de tecnologias que nos ajudem a ser mais competitivos dentro e fora do nosso próprio mercado.

E precisamos de uma participação mais intensa nos foros decisórios internacionais, econômicos e políticos, porque temos uma contribuição a dar no continuado fortalecimento do multilateralismo comercial, sob a égide da Organização Mundial do Comércio; na busca de eficiência e legitimidade das Nações Unidas, em um mundo em transformação; na diminuição dos riscos e ameaças à paz e à segurança internacionais.

Tudo isso está presente na nossa relação com o Japão.

Porque, a nova era que começa nas relações Brasil–Japão responde a imperativos destes tempos novos, plenos de oportunidades, desafios e riscos.

Tempos que privilegiam as relações econômicas, comerciais e tecnológicas entre os países. Tempos que incentivam o diálogo e a concertação como forma de ampliar interesses comuns e multiplicar as possibilidades de atuação de parceiros tradicionais.

Tempos que exigem que aproveitemos, com sentido prático e olhos postos em resultados concretos, o muito que temos a nos unir, a especificidade da nossa relação: antípodas na geografia, parceiros vigorosos na cooperação e no intercâmbio.

Que nós reconheçamos, em toda a sua plenitude, o patrimônio que é termos, em nossos territórios, grandes comunidades que nos ligam pelo que há de mais intenso nas relações entre os Estados: os laços humanos.

Que nós saibamos explorar melhor o potencial de duas economias dinâmicas em crescimento e, antes de mais nada, com um notável grau de complementaridade.

Que nós possamos redimensionar nossas relações para que elas aproveitem as novas realidades regionais em que nos inserimos — o Brasil no Mercosul e o Japão em uma Ásia que cresce vertiginosamente em produto e em participação no comércio internacional de bens, serviços e tecnologias.

Que nós possamos aproveitar conjuntamente as oportunidades que são geradas em nossos países, pelo crescimento econômico e pela ampliação dos seus mercados.

Que nós estejamos mais próximos e mais bem coordenados na defesa de interesses comuns no mundo: a paz e a segurança, o fortalecimento das Nações Unidas, o fortalecimento do multilateralismo comercial, o desenvolvimento sustentável, a proteção ambiental, a proteção e a promoção dos direitos humanos, a defesa da democracia e da liberdade econômica.

Em suma, que o Japão e o Brasil inaugurem este segundo século de suas relações com o compromisso vigoroso de uma parceria abrangente na cooperação econômica e no diálogo político.

Senhoras e Senhores,

Nós estamos construindo uma nova relação sobre uma base sólida e firme, sobre um patrimônio de que japoneses e brasileiros podem e devem orgulhar-se.

A Dieta tem uma contribuição importante a dar nesse processo e prova isso ao honrar-me hoje, aqui, com a sua atenção e o seu interesse.

Eu agradeço esta oportunidade de trazer-lhes aqui a palavra do novo Brasil, que reencontra o antigo amigo, o forte aliado, o parceiro importante.

E confio em que estamos todos sendo personagens de um novo e intenso capítulo da história maravilhosa que começou cem anos atrás, quando um punhado de imigrantes japoneses aportou nas costas do Brasil, a bordo do Kasato Maru, peregrinos de um novo des-

cobrimto da América, para fundar uma amizade que haverá de durar para sempre.

Muito obrigado.